

CEM ANOS DEPOIS

por Mário Soares

O PCP celebrou com pompa e circunstância o centenário de Álvaro Cunhal. Visitei espontaneamente, como qualquer cidadão, que aliás sou, isto é, sem prevenir ninguém, a exposição que o PCP organizou e abriu ao público no Pátio da Galé, na Câmara Municipal de Lisboa.

As duas Senhoras que me atenderam, muito amavelmente - e me reconheceram - não me deixaram pagar o bilhete de entrada e só permitiram que comprasse o catálogo.

A meio da visita apareceu o camarada Domingos Abrantes, com o qual convivi quando estávamos ambos exilados em Paris, e que me acompanhou até ao fim. Foi uma exposição interessante e em que só aparece Álvaro Cunhal - e a sua Família - quase desde o nascimento e no fim surge um único retrato do actual líder do PCP, Jerónimo de Sousa.

Conheci Álvaro Cunhal quando, depois da sua primeira prisão, saiu e não tinha emprego e, já formado em Direito, com alta classificação, o meu Pai o recebeu no Colégio Moderno. Nunca quis exercer a profissão de advogado, ao contrário do seu ilustre Pai, grande jurista, professor, advogado, escritor e artista plástico. Mais tarde, aliás, tive a honra de o conhecer bem e de me tornar seu amigo. Tanto que, quando deixou de advogar, passou alguns dos seus clientes, ao jovem advogado que eu era então.

Sempre tive um fascínio e depois admiração genuína por Álvaro Cunhal que era regente de estudos e eu, estudante do ensino secundário. Tinha um rosto muito original e uns olhos que nos perfurava e impressionavam. Não posso negar que me causou uma grande influência, estávamos então em plena segunda grande guerra mundial e ele falava-nos da resistência anti-fascista e anti-nazi e das novas auras de um mundo diferente que aí viriam... Marcou-me profundamente, embora só depois dele estar na clandestinidade me tenha tornado comunista. Por pouco tempo, aliás.

Encontrei-me com ele na clandestinidade, na Figueira da Foz (em Buarcos) e depois da sua longa prisão e da sua fuga espectacular de Peniche (estive preso, por pouco tempo, nessa altura, na Penitenciária, mas nunca nos vimos). Já depois em Paris e na Checoslováquia, quando me pediram para lá ir (com passaporte falso, claro) para ver o general Delgado, muito doente e acabado de ser operado. Então já não me tratou por tu nem por camarada, nem sequer me agradeceu, visto eu ser já socialista.

No pós 25 de Abril, desde o primeiro de Maio, percebi que me via como um adversário, ao contrário do que combinámos em Paris, no exílio. Houve um choque a partir das primeiras eleições, que o Partido Socialista ganhou por grande diferença. Os leitores conhecem todo o resto. Sabem que Cunhal reuniu duas vezes o Partido. Uma para dizer que nunca me apoiaria como Presidente. E outra para aconselhar, como disse, com muita graça, uma peixeira: para que tapasse com a mão a minha cara, mas pusesse a cruzinha no sítio em que eu era beneficiado. Uma vez eleito mantivemos sempre relações cordiais. Pelo meu lado reconheço que sem o seu auxílio não teria nunca sido Presidente da República. E não esqueço isso.

Nos oitenta anos de Álvaro Cunhal, era eu Presidente, escrevi um artigo a dar-lhe os parabéns, que muitos anti-comunistas nunca gostaram nem compreenderam. Aliás, quando foi do 25 de Novembro - e eu estava no Porto - houve muita gente que queria destruir o PCP. Mas eu, como se sabe, opus-me claramente a essa ideia. Porque considero que o PCP tem todo o direito de lutar pelo que crê justo. E estive depois no seu funeral, como me cumpria, com profunda emoção. Foi alguém que sempre admirei desde que o conheci.

Foi um homem político que sempre considerei excepcional, apesar dos conflitos ideológicos, políticos e sociais que tivemos.

Lisboa, 31 de Outubro de 2013